

Festival do Termo

Para uma nova ALTA de LISBOA

Direção artística Jenny Silvestre

Produção APARM-Academia Portuguesa de Artes Musicais / MELLEO HARMONIA

O Termo de Lisboa foi a designação utilizada durante séculos para delimitar o princípio e o fim de Lisboa.

Durante o século XVIII, nomeadamente no reinado de D. Maria I, o Termo a norte era delimitado por dois obeliscos que a monarca mandou edificar em 1782 na entrada da cidade de Alverca do Ribatejo, a cerca de 17 km de Lisboa. Entre muitas das freguesias incluídas no Termo encontravam-se o Lumiar, Póvoa de Santo Adrião, Odivelas, Carnide, Benfica e Ameixoeira.

Com a assunção do nome FESTIVAL DO TERMO pretende-se cativar o grande público para um novo eixo cultural, descentralizando a oferta que se localiza predominantemente na zona ribeirinha da cidade de Lisboa.

Festival do Termo Da individualidade e os afetos da loucura

D. Maria I ficou conhecida nos anais da História como a "Louca", muito embora também como a "Piedosa", em virtude da sua postura clemente face aos perseguidos do Marquês de Pombal, antigo ministro do reinado do seu pai, o Rei D. José.

Sabe-se hoje que D. Maria não terá sido propriamente louca, mas antes esquizofrénica.

Rendendo homenagem à primeira mulher a empunhar o cetro do reino de Portugal, dedicamos a primeira edição do Festival do Termo à música do tempo da Rainha D. Maria I, mergulhando no tema da individualidade e os afetos da loucura, uma viagem ao íntimo de cada um, desde a aflição da morte, aos devaneios do amor.

14 de Abril, 16h Concerto de Páscoa Redenção e Esperança

Gabriel Fauré (1845-1926)
Requiem op.48

Patrycja Gabrel soprano
André Baleiro barítono
Coro Ricercare (direção Pedro Teixeira)
Orquestra Melleo Harmonia
Joaquim Ribeiro maestro

D. Maria I, conhecida pela sua grande religiosidade, faleceu no Rio de Janeiro a 20 de Março de 1816.

Dos seis filhos que teve, apenas um lhe sobreviveu, D. João VI. Contudo, pese embora o sofrimento causado pela morte dos filhos, consta que o seu estado mental agravou-se a partir do falecimento do seu marido e tio, o Rei D. Pedro III, em 1786, tendo a morte do primogénito, D. José, dois anos mais tarde, sido particularmente marcante.

No concerto de abertura do FESTIVAL DO TERMO, que coincide este ano com o Domingo de Ramos, pareceu-nos bem a escolha de um dos mais belos *Requiem* de sempre para render tributo à primeira Rainha a ostentar o cetro de Portugal. Queremos acreditar que a sua vida, tão marcada pela angústia e sofrimento emocional, terá sido, no fim, eventualmente coroada pela paz.

O Requiem Op 48 do compositor francês Gabriel Fauré encerra, por ventura, alguns dos mais sublimes momentos musicais da história da música ocidental.

O seu "Pie Jesús" catapulta o ouvinte para uma profunda dimensão de redenção, constituindo o "In paradisum" a garantia de que vale a pena ter esperança na ascensão ao jardim eterno.

"Mon Requiem a été composé pour rien...pour plaisir, si j'ose dire!!"

Estas palavras de Gabriel Fauré, expressas numa correspondência datada de 1910, endereçada ao musicólogo Maurice Emmanuel, embora reveladoras de uma certa humildade, não fazem justiça à profundidade e beleza que o Requiem, op. 48, o seu “*Petite Requiem*”, encerra.

Trata-se de uma obra estreada em 1888 em *La Madeleine*. Tendo sofrido uma revisão em 1893 e uma última em 1900, data da sua publicação e apresentação na Exposição de Paris de Julho desse ano.

A versão inicial, composta para pequeno conjunto instrumental e coro, consistia apenas em cinco andamentos – *Introito e Kyrie, Sanctus, Pie Jesus, Agnus Dei e In Paradisum* – tendo Fauré acrescentado o *Ofertório* em 1889 e o *Libera me* no ano seguinte. A orquestração sofreu igualmente uma expansão, contando a versão de 1893 com um instrumentário mais rico, embora ainda em formato de câmara.

A beleza manteve-se insondável, perdurando até hoje o magnetismo da obra.

Esta a versão apresentada aqui pelo MELLEIO HARMONIA.

1 de Maio, 18h

Entre Lisboa e o mundo: D. Maria I e a música do seu tempo

João Pedro de Almeida Mota (1744-1817)

Quarteto Op. 5, n.º 1

Quarteto Op. 6, n.º 4

José Avelino Canongia (1784-1842)

3.º Concerto para Clarinete, com acompanhamento de quarteto

Miguel Costa clarinete

Ensemble MPMP

Daniel Bolito violino

João Vieira de Andrade violino

Amadeu de Resendes violela

Valter Freitas violoncelo

O reinado de D. Maria I foi marcado por um forte impulso à ciência e à cultura. Lisboa encontrava-se definitivamente entre o Mundo.

Foram promovidas durante os anos dourados do seu reinado viagens e explorações científicas, como a de Alexandre Rodrigues Ferreira no Brasil, Manuel Galvão da Silva em Moçambique, Frei João de Sousa a Argel, entre outras. Iniciaram-se igualmente os primeiros trabalhos geodésicos de que há memória.

A par do trabalho prático, é criada a Academia real das Ciências, a Academia de Marinha, a Academia de Fortificação, a Biblioteca Pública (Biblioteca Nacional), assim como escolas de ensino primário e médio e a Casa Pia, para crianças desfavorecidas.

D. Maria apoia as iniciativas de construção dos Teatros de São Carlos e S. João.

É neste contexto que assistimos ao surgimento de uma nova geração de compositores e músicos atentos às mudanças de gosto de uma Europa Galante.

João Pedro de Almeida Mota e José Avelino Canongia são dois dos casos mais curiosos e interessantes da história da música portuguesa moderna, representando gerações contrastantes para as quais a produção de música instrumental e camerística profanas começavam, gradualmente, a ganhar presença e importância, ambos marcando períodos de grandes e profundas transformações sociais, políticas e, naturalmente, artísticas, respetivamente cruzando imaginários sonoros barroco-clássicos, e clássico-românticos.

João Pedro de Almeida Mota, nascido em Lisboa em 1744, permaneceu praticamente

ignorado pela historiografia ibérica até ao início dos anos 80 do século XX, data que as pesquisas de Humberto d'Ávila revelaram a identidade do enigmático compositor.

Foi menino de coro da Basílica de Santa Maria (atual Sé) entre 1752 e 1758, onde teria recebido a sua primeira formação musical, tornando-se mais tarde mestre de capela da câmara do arcebispo-infante (D. Gaspar, filho de D. João V) de Braga e, depois, trabalhando como tenor na catedral de Santiago de Compostela. Prossegue a sua carreira em Espanha nas localidades de Mondonhedo (a partir de 1772), Lugo (1775) e Astorga (1783), nestas duas últimas sendo mestre de capela. Em 1793 é transferido para Madrid e ocupa o cargo de Mestre de Rudimentos do Colegio de Niños, anexo à Capela Real, e cinco anos depois foi nomeado compositor da Real Câmara. As suas funções na corte espanhola motivaram que, contrariamente ao que era então habitual em contexto português e ao que foi o seu próprio percurso criativo anterior, se dedicasse não apenas à música para contexto religioso mas também à música de câmara profana, escrevendo várias canções italianas e nada menos do que dezasseis quartetos de cordas, provavelmente escritos entre 1795 e 1808 para o monarca Carlos IV, violinista amador que ocupava regularmente a estante do segundo violino nos serões musicais da corte. Influenciado pela música de Haydn, Boccherini ou Pleyel, este conjunto de quartetos é fenómeno inédito entre os compositores portugueses deste período.

Já o percurso de **José Avelino Canongia** enquanto *virtuose* e compositor lembra o do pianista seu contemporâneo João Domingos Bomtempo.

Filho de um fabricante de sedas catalão estabelecido em Portugal, começou a sua aprendizagem com o pai, também clarinetista amador, estudando mais tarde com Wisse, primeiro clarinete da Orquestra do São Carlos, e desde cedo revelando-se músico exemplar no seu instrumento e percorrendo a Europa como solista, desde as viagens a França em 1806 até às digressões por Espanha, Itália, Suíça, Áustria e Prússia.

Em 1821, as crónicas do *Allgemeine Musikalische Zeitung* dão conta de uma atuação em Weimar, onde, apesar de o público conhecer os grandes virtuosos Johan Simon Herstedt e Heinrich Joseph Bärmann, foi favoravelmente comparado.

Com a revolução liberal, Canongia volta a Portugal definitivamente, entrando para a Orquestra do São Carlos e sendo nomeado músico da Real Câmara. Fez imprimir em Paris, por esta altura, a sua obra *Introdução e tema com variações*, dedicada ao Barão de Quintela e Conde de Farrobo, grande protetor das artes. Mais tarde imprime o seu *1.º Concerto*. Quando, em 1835, é fundado o Conservatório, Canongia transita para aquela instituição. Editava por essa época, também em Paris, mais quatro obras: uma *Ária variada*, e os 2.º, 3.º e 4.º concertos para clarinete.

4 de Maio, 18h

De Espanha bons ventos e casamentos

Haydn, Boccherini e Almeida Mota

Quarteto Lacerda

Alexander Stewart 1.º violino

Regina Aires 2.º violino

Paul Wakabayashi viola de arco

Luís André Ferreira violoncelo

De forma a garantir as boas relações ibéricas, as políticas de casamento das casas reais portuguesa e espanhola foram intensas ao longo dos séculos da monarquia.

A mãe de D. Maria I era espanhola. Efetivamente, a rainha consorte do Rei D. José I, D. Mariana Vitória, nasceu em Espanha, filha de Isabel de Farnésio e de D. Filipe de Bourbon, tendo vindo para Portugal em 1728, por altura da conhecida *Troca das Infantas*, na qual Portugal ofereceu em casamento a irmã de D. José, D. Maria Bárbara de Bragança, em troca

da infanta espanhola, a fim de desposar o Príncipe do Brasil e herdeiro da coroa de D. João V.

A influência cultural da corte madrilena é transmitida, por via de D. Mariana Vitória, à Princesa da Beira, sua filha e futura rainha de Portugal.

O reinado de D. Maria I corresponde ao período de ouro da música camerística, nomeadamente com o desenvolvimento dos quartetos de cordas, do qual Haydn foi o expoente máximo, tendo influenciado inúmeros compositores.

O seu sucesso em Espanha é notório, tendo inspirado a pena poética de escritores como Tomás de Iriarte que, em 1770, publica o seu poema *La Música* onde encontramos rasgados elogios ao compositor: *Sólo a tu numen, Haydn prodigioso, / las musas concedieron esta gracia / de ser tan nuevo siempre y tan copioso / (...)Tiempo ha que en sus privadas academias / Madrid a tus escritos se aficiona / y tú su amor con tu enseñanza premias, / mientras él cada día / con la inmortal encina te corona / que en sus orillas Manzanares cría.*

Luigi Boccherini, cujo sucesso em Madrid foi incontornável, ter-se-á deixado inspirar pelo compositor austríaco. O mesmo terá acontecido com o português Almeida Mota, cujos ventos de modernidade musical o inspiraram na escrita dos primeiros quartetos de cordas escritos por um português de que temos memória.

8 de Maio, 21h

Da individualidade e os afetos da Loucura

Conferência

Dos afetos e a Razão na música

"Compendium Musicae" de René Descartes, uma ponte para Portugal

Jenny Silvestre

Concerto

Heroínas Loucas

Carla Caramujo soprano

João Paulo Santos piano

Segundo os relatos de viagem do inglês Costigan, a filha primogénita do Rei D. José I, D. Maria, nascida a 17 de Dezembro de 1734, era "*mais alta e mais delgada que as suas irmãs, pálida, de rosto delicado, parecendo propensa à melancolia*", características que, segundo o próprio, a tornavam destituída de "*graça feminina*", embora "*na vida privada a sua conduta fosse exemplar.*"

A sua tendência para a melancolia não a impediu de governar após a morte do seu pai, em 1777, tendo fomentado algum desenvolvimento do comércio e indústria, o que permitiu o primeiro saldo positivo da balança comercial em décadas, assim como algum desafogo no tesouro.

Contudo, a morte do seu marido, o Rei D. Pedro III, em 1786, seguida, no único ano de 1788, da morte do Príncipe do Brasil, D. José, da filha, genro e dois netos, agravada pelas consequências da Revolução Francesa no xadrez das monarquias europeias, espoletou um agravamento das condições mentais da rainha, que, segundo a própria rainha em correspondência que troca com a carmelita Teresa de Melo anos antes, seriam há muito frágeis, designando-as de "*imaginações tristes*".

No final de 1791, a monarca dava indícios de uma forte alienação mental. Em Janeiro de 1792, a *Gazeta de Lisboa* anunciava, de forma velada, o estado de D. Maria. O governo contratou para vir a Portugal o médico inglês Dr. Willis, responsável pelo tratamento do Rei

de Inglaterra, George III, o Rei Louco. Após, alguns meses em Portugal, retirou-se desenganando todos sobre a possibilidade de cura da rainha.

Para todo o sempre esta ficaria conhecida como a "Rainha Louca" de Portugal.

A moderna historiografia, aliada a um conhecimento mais profundo das doenças da mente, defende que D. Maria I não seria propriamente louca, mas esquizofrénica.

A conferência concerto de hoje será dedicada aos afetos e estados de alma e sua relação com a música

Falar-se-á em René Descartes e de um pequeno compêndio sobre as emoções na música, escrito no final de 1618, "Compendium Musicae".

O filósofo demonstra aqui pensar a música como uma arte destinada a produzir efeitos sobre a alma através dos sentidos, e não como a reprodução de uma ordem cósmica e divina, como acontecia até então.

Sobre ele nos propomos discorrer algumas considerações, lançando o mote para o recital que se segue, integralmente composto por conhecidas árias nas quais o protagonismo é a loucura feminina, eternizada pela veia inspirada de compositores como Richard Strauss ou Donizetti.

11 de Maio, 21h

Fuga para América Latina

Camerata Atlântica

Ana Beatriz Manzanilla direção musical

"He impossível descrever o que se passou no Caes de Bellem na ocasião do embarque da Real Familia, que sahio de Mafra a toda a preça para embarcar, o caes amontoado de caixas, caixotes, bahus, malas, malotoeus e trinta mil cousas, que muitos ficaram no caes tendo seus donos embarcado. Outras foram para bordo e seus donos não poderam hir. Que desordem e confuzão; A rainha sem querer embarcar por forma alguma, o Principe aflito, por este motivo!!! Foi o Laranja, (Francisco Laranja capitão de fragata e patrão mór das galeotas reaes) quem fez que a Rainha embarcase. E então o Principe deo Beijamão às pessoas que alli estavam e entre lagrimas e suspiros começam a embarcar, e não se pode descrever o que aqui se passou." (In Diario de Euzebio Gomes, na posse do Senhor José Medeiros - Coronel José Custódio Madaleno Geraldo / Revista Militar 2472-2008)

Em Janeiro de 1808, D. Maria I chegava com o Príncipe Regente D. João e a restante família ao Brasil, escapando, assim, às invasões francesas. Aqui viria a falecer, a 20 de Março de 1816. O seu corpo permaneceria no Rio de Janeiro até 1821, ano em que foi trasladado para Lisboa para ser depositado na Basílica do Coração de Jesus, à Estrela. Encerrava-se, desta forma, a viagem de vida da primeira rainha de Portugal.

O Festival do Termo despede-se do público igualmente com uma viagem: *Fuga para a América Latina*, uma América Latina contemporânea, plena de salero e sonoridades brilhantes, fechando sugestivamente o ciclo da temática escolhida nesta primeira edição com *La muerte del Angel*, do compositor argentino Astor Piazzolla.

A.Nepomuceno (Brasil)

Serenata para cordas

A.Piazzolla (Argentina)

Milonga del Angel

J.B.Plaza (Venezuela)

Fuga Criolla

A.Piazzolla

Fuga y Misterio

A.Romero (Venezuela)

Fuga con Pajarill

A.Piazzolla

Melodia en la menor

C. Guerra-Peixe (Brasil)

Mourão

A.Piazzolla

Tres minutos con la realidad

A.Piazzolla

La muerte del Angel

Fuga para a América Latina da Camerata Atlântica prima pelas cores sonoras vibrantes, com muitas referências ao folclore, aos ritmos da dança popular latina-americana. De sublinhar na interpretação a energia rítmica da Quirpa Venezuelana (Luis Garcia), a paleta tímbrica alargada, por vezes com sonoridades percussivas, em Mourão (Guerra-Peixe), o controlo do tecido contrapontístico na Fuga Criolla (Plaza) e na Fuga con Pajarillo, a sensualidade insinuante, nos Chorinhos (Carrapatoso), ou intensamente dramática em La muerte del ángel (Piazzolla), e o lirismo nostálgico na Milonga del ángel e na Melodia em lá menor (Piazzolla). Ricardo Vilares in XpressingMusic, Portugal, 12 Dezembro 2017



JENNY SILVESTRE

É licenciada em Cravo (Escola Superior de Música de Lisboa) e em Direito (Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa).

É doutorada em Ciências Musicais Históricas (Universidade Nova de Lisboa). Conta com uma pós-graduação em Cravo (Escola Superior de Música da Catalunha, Espanha) e uma pós-graduação em Gestão Empresarial, vertente de Estratégia de Investimentos e Internacionalização (Instituto Superior de Gestão de Lisboa).

É fundadora e Presidente da Academia Portuguesa de Artes Musicais.

Assume as funções de Diretora dos Congressos Internacionais de Musicologia Histórica organizados pela Academia Portuguesa de Artes Musicais, bem como a direção dos projetos pluridisciplinares da mesma.

Foi diretora artística e programadora de diferentes Festivais. É atualmente diretora artística da Temporada de Órgão São João de Brito.

Participou na estreia mundial das obras "*Magnificat em Talha Dourada*" e "*Horto Sereníssimo*", do compositor Eurico Carrapatoso, bem como no conto infantil "*O que aconteceu no Museu da Música...*", do compositor Sérgio Azevedo.

Estreou ainda a "*Inventio 2*", de Bruno Gabirro, a versão para cravo da peça "*O Natal da Nônd*", de Eurico Carrapatoso, e a peça "*Prelúdio e Festa*", de Sérgio Azevedo, especialmente escrita para ela.

Em 2009, foi Assessora Musical do premiado filme do realizador chileno Raúl Ruiz, "*Mistérios de Lisboa*".

Em 2011 foi a cravista convidada para o II Concurso Internacional de Composição Fernando Lopes Graça, dedicado ao cravo.

Em 2018 estreou, no Grande Auditório do Centro Cultural de Belém, o seu primeiro filme documental, "*MOMENTO 1910*", acompanhado pela orquestra Melleo Harmonia.



PATRYCJA GABREL

Patrycja Gabrel é uma soprano Polaca licenciada em canto pelo Conservatório de Música Fryderyk Chopin, em Varsóvia, e pela Escuela Superior Reina Sofia, em Madrid, sob orientação do professor Tom Krause. Teve ainda oportunidade de participar em masterclasses com Riri Griest, Charles Kellis, Anita Garança e Helmut Deutsch.

Foi vencedora do prémio "Alfredo Krause" Melhor Jovem Músico em Madrid, e também do prémio da competição "Arte da Canção Polaca" (Radio *Clássica*). Foi bolsista da Fundação Gulbenkian para projetos ENOA e também membro do Coro entre 2010-2014.

Prossegue atualmente o seu aperfeiçoamento vocal com a professora Joana Siqueira.

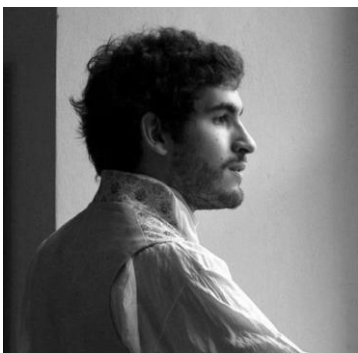
Patrycja participou em vários Festivais como o Festival d'Aix-en-Provence, Flagey Brahms, Festival em Bruxelas, Festival do Órgão da Madeira, Festival Internacional de Música de Macau, entre outros.

Integra com frequência prestigiados agrupamentos nacionais, como o grupo Vocal Olisipo, Capella Patriarchal e Ludovice Ensemble.

Cantou com a Orquestra do Norte, a Orquestra Metropolitana, a Orquestra de Câmara Portuguesa, a Orquestra Filarmónica de Varsóvia, a Orquestra Divino Sospiro e também com a Orquestra Gulbenkian, tanto no domínio da Oratória como em outros tipos de repertório.

Como solista, cantou ainda sob a direção de Michel Corboz, Michael Zilm Paul McCreesh, Leonardo Garcia Alarcon, Lawrence Foster, Jean-Marc Burfin, Osvaldo Ferreira, Jorge Matta, Joana Carneiro e Jan Wierzb.

Em 2015, gravou o papel da *Mére* na estreia da Ópera "L'Autre Hiver" de Dominique Pauwels. O seu repertório operático inclui papéis, como *Violetta*, de "La Traviata" de Verdi, *Rainha da Noite*, da "Flauta Mágica" de Mozart, *Lucia* da "Lucia di Lammermoor", de Dionizetti e *Lulu* da Ópera de Alban Berg.



ANDRÉ BALEIRO

André Baleiro é vencedor do concurso Emmerich Smola "SWR Junge Opernstars" 2019 da estação televisiva alemã SWR (Südwestrundfunk), do 17º Concurso Internacional R. Schumann, em Zwickau, do 9º Concurso de Canto Lírico da Fundação Rotária Portuguesa em Lisboa, bem como do "Prémio Cultural Theodor Heuss 2017" em Schwetzingen, e do Prémio 'Most Promising Talent' do prestigiado Concurso Internacional DAS LIED, em Heidelberg.

No palco operático tem-se destacado pelas interpretações de TARQUINIUS em *The rape of Lucrecia* de B. Britten no Teatro Nacional São Carlos, FIGARO em *Il barbiere di Siviglia* de G. Rossini com a Kammeroper München em Munique, e DON PARMENIONE em *L'occasione fa il ladro* de G. Rossini no Teatro Pérez Galdós em Las Palmas.

Do seu vasto repertório de concerto são de salientar as oratórias de C. Monteverdi, J. S. Bach, G. F. Händel, W. A. Mozart e A. Dvorak, a Cantata "Dona nobis pacem" de R. Vaughan Williams, os Requiem de G. Fauré, M. Durufle e J. Brahms, *L'enfance du Christ* de H. Berlioz, *Don Quichotte à Dulcinée* de M. Ravel e os *Gurrelieder* de A. Schönberg.

Tem colaborado com os maestros Michel Corboz, Steffan Blunier, Frédéric Chaslin, Grahame Jenkins, Martin André, Moritz Gnann, Andreas Spering, Joana Carneiro e Nabil Shehata.

Apresenta-se regularmente em recital na Alemanha e em Portugal com diversos pianistas, sendo de destacar as colaborações de longa data com o maestro João Paulo Santos e com o pianista David Santos. A música vocal moderna e contemporânea tem sido desde sempre um dos seus focos de interesse, e recentemente tem cooperado com os pianistas Axel Bauni e Jan Philip Schulze na estreia de várias obras para canto e piano de conceituados compositores como Luca Lombardi, Michael Pelzel e Steffen Schleiermacher.

O barítono português iniciou a sua formação musical aos 10 anos de idade no Instituto Gregoriano de Lisboa e a sua formação vocal aos 15 com Elsa Cortez. É licenciado em Direção Coral e Formação Musical pela Escola Superior de Música de Lisboa. Como bolseiro da Fundação Hamel em Hannover e da Fundação Gulbenkian em Lisboa estudou Canto na Universidade das Artes em Berlim com o Kammersänger Siegfried Lorenz, e aprofundou o seu conhecimento e interpretação do repertório de Lied com Eric Schneider. Para além disso, tem frequentado masterclasses com cantores consagrados como Tom Krause, Ian Bostridge, Lorenzo Regazzo e José van Dam. Atualmente desloca-se com frequência a Mannheim para aperfeiçoamento com a professora Snezena Stamenkovic.



CORO RICERCARE

O Coro Ricercare é tudo o que a paixão pela música coral significa. O trabalho de expressão, fusão e qualidade vocal fazem das suas atuações verdadeiros momentos marcantes. O grupo integra na sua formação uma grande percentagem de jovens músicos de diversas proveniências curriculares: Escola de Música do Conservatório Nacional, Instituto Gregoriano de Lisboa e Escola Superior de Música de Lisboa, entre outras. A procura incessante de um resultado de excelência na música coral que desde sempre pautou o seu trabalho, tem feito com que o Coro Ricercare se tenha vindo a destacar há vários anos como um coro português de referência. Desde a sua fundação, o Coro Ricercare dedica grande parte da sua atividade à interpretação de nova música portuguesa, tendo estreado mais de 60 obras de compositores nacionais desde a primeira edição de "Jovens Compositores Portugueses" em 2006, junto com a Orquestra Sinfonietta de Lisboa, o outro agrupamento da Ricercare.

Foi criado em 1996 pelos maestros Carlos Caires e Paulo Lourenço, e é dirigido desde 2002 por Pedro Teixeira.

Tem sido convidado regularmente para atuar em vários festivais internacionais de música, como sejam o Festival Internacional de Música de Setúbal, o Festival Internacional de Música de Marvão, o Cistemúsica em Alcobaça, Dias da Música (CCB), Festival Internacional de Música de Marvão, entre outros.

Na sequência da sua política de incentivo à divulgação de repertório português através da encomenda de obras inéditas, o Coro Ricercare tem vindo a apresentar em concerto e de uma forma sistemática música de compositores portugueses dos séculos XX e XXI, obras

que são, na sua grande maioria, interpretadas em primeira audição absoluta. Neste contexto, e desde 2006, tem organizado anualmente o certame “*Jovens Compositores Portugueses*”, tendo interpretado, em primeira audição absoluta, obras para coro a *cappella* e para coro e orquestra, em conjunto com a orquestra Sinfonietta de Lisboa. Até hoje, no contexto do certame, apresentou composições inéditas de Alfredo Teixeira, Ana Seara, André Miranda, Anne Victorino d’Almeida, Antero Ávila, António Lopes, António Menezes, Carlos Filipe Cruz, Carlos Garcia, Fábio Cachão, Fernando das Neves Lobo, Filipe Raposo, Francisco Gonçalves Tavares, Gonçalo Lourenço, João Manuel de Barros, João Nascimento, José Luís Ferreira, Lea Brooklyn, Luís Cardoso, Manuel Durão, Miguel Jesus, Miguel Teixeira, Miriam Teixeira, Pedro Faria Gomes, Sara Claro, Sofia Sousa Rocha, Tiago Cabrita, Tiago Derrixa e Vasco Pearce de Azevedo, num total de cerca de 60 obras.

O Coro Ricercare tem também uma larga experiência na realização de música a *cappella* de outros autores como Arvo Pärt, György Órban, Peter Aston, Morten Lauridsen, Pawel Lukaszewski, Gabriel Jackson, John Tavener e Eric Whitacre, entre outros.

De 2006 até hoje, o Coro Ricercare tem interpretado, para além de reportório a *cappella*, diversas obras para coro e orquestra: Requiem de Mozart, Messa di Gloria (Puccini), Requiem em Ré menor (Fauré), In Paradisum (Eurico Carrapatoso), Missa Nelson (J. Haydn) e Requiem à memória de Passos Manuel (Eurico Carrapatoso), em conjunto com a orquestra da Associação Musical Ricercare – Sinfonietta de Lisboa, sob a direcção de Vasco Pearce de Azevedo – e também com a Orquestra do Algarve, sob a direcção de Osvaldo Ferreira.

O Coro Ricercare tem-se apresentado em alguns dos mais importantes festivais de música portugueses, como Festival de Música da Costa do Estoril, Festival de Música de São Roque, Festival “A Cidade e a Música”. Em 1997 participou em dois concertos realizados no Grande Auditório do C.C.B. e na Igreja da Lapa (Porto) em conjunto com o Hilliard Ensemble, no qual foi interpretada a *Paixão Segundo S. João* de Arvo Pärt (primeira audição em Lisboa).

Das primeiras audições absolutas que realizou no passado, são de destacar as estreias de *In Paradisum* (coro, orquestra de cordas e quarteto vocal masculino – 1994) e *Timor et non Tremor* (coro a *cappella* – 1995) de Eurico Carrapatoso, de *Novíssimo Cancioneiro* (coro e orquestra de cordas – 2001), e *Cante* (Ricercare e Ensemble Darcos – 2017), ambas de Nuno Corte-Real.

No que se refere à discografia, o Coro Ricercare tem tido uma atividade regular e sistemática de gravação e lançamento de vários CD’s, maioritariamente dedicados à música vocal contemporânea portuguesa: em 1996 participou na gravação do 2º CD de Rodrigo Leão e o Vox Ensemble; em 1998 grava em CD para a etiqueta RCA/DHM, em conjunto com o Ensemble Luso-Alemão “Arte Real”, a primeira audição contemporânea do *Te Deum* (1769) de João de Sousa Carvalho; em 2001, a convite do Ministério da Cultura, o Coro Ricercare editou o seu segundo CD para a etiqueta Portugal Som/Strauss, com repertório de jovens compositores portugueses; em 2005 lançou, com o apoio do Ministério da Cultura – Instituto das Artes – e da Direcção Regional de Cultura dos Açores, um CD de música tradicional açoriana por jovens compositores portugueses. Em 2006 grava a convite da Antena2 um CD dedicado a Fernando Lopes-Graça, no âmbito das comemorações do centenário do nascimento do compositor.

O Coro Ricercare foi, em Novembro de 1998, galardoado com o 2º Prémio no Concurso “IIº Certamen Internacional de Corales Polifónicas Ciudad de Sevilla” e, em Dezembro de 1999, obteve o 1º Prémio no Concurso “Certamen Internacional de Villancicos” em Madrid.

Atuou em Maio de 2014 com os Rolling Stones, durante o Festival Rock in Rio Lisboa. Em Abril de 2017, atuou com Andrea Bocelli no Meo Arena.



PEDRO TEIXEIRA

Pedro Teixeira nasceu em Lisboa. Tem o grau de Mestrado em Direção Coral pela Escola Superior de Música, e ganha muita da sua experiência performativa como maestro do Grupo Coral de Queluz (2000-2012) e do Coro Polifónico Eborae Musica (1997-2013).

Desde então, é conhecido no mundo coral pelas suas atuações perspicazes e sensíveis. Pedro especializou-se em construir e manter o som nuclear, a pureza de emissão vocal e musicalidade dos coros com quem trabalha.

De 2012 a 2017 foi maestro titular do coro profissional Coro de la Comunidad de Madrid, onde, para além de preparar obras sinfónicas, desenvolveu um trabalho de refinamento do som do coro através de um labor regular de fusão e afinação – no qual o trabalho a cappella é fundamental – por intermédio de uma programação de concertos na Sala de Câmara do Auditorio Nacional de Musica (Madrid).

O seu interesse constante na música antiga levou-o a formar no ano 2000 o Officium Ensemble, um grupo profissional dedicado à investigação e interpretação da polifonia portuguesa dos sécs. XVI e XVII. Desde esse ano, tem-se apresentado amplamente com Officium Ensemble, ganhando prémios a nível internacional (incluindo o prémio de Director mais Promissor de Tonen 2001, na Holanda). É também com Officium Ensemble que integra a programação de alguns dos mais reconhecidos festivais de música antiga da Europa, nomeadamente Laus Polyphoniae (Antuérpia) e Oude Muziek (Utrecht), para os quais é convidado recorrentemente desde o ano 2011.

Para além do seu interesse na música antiga, Pedro dedica-se à música contemporânea e, como maestro do Coro Ricercare (Lisboa), dirige desde 2001 várias primeiras audições absolutas por temporada.

Depois de ter cantado no seu reconhecido coro durante vários anos, de 2011 a 2014 foi frequentemente convidado pela Fundação Gulbenkian para preparar programas como maestro de coro convidado. Neste contexto, dos trabalhos com o Coro Gulbenkian destacam-se a Missa em Si menor de Bach, Falstaff de Verdi, Solomon de Handel e Seven Last Words from the Cross, de James MacMillan.

Como cantor, Pedro atuou por praticamente toda a Europa, Estados Unidos, América do Sul, África e Reino Unido, com grupos como o Coro Gulbenkian, A Cappella Portuguesa (Owen Rees) e Coro Gregoriano de Lisboa, no qual é também solista.

Pedro é, desde 1997, diretor artístico das Jornadas Internacionais Escola de Música da Sé de Évora (Eborae Musica), e orienta várias classes de Verão, como por exemplo Victoria 400 em Barcelona (com Peter Phillips, Ivan Moody e Jordi Abelló), e o Curso Internacional de Música Medieval e Renascentista de Morella, onde dirige o atelier de coro e ensemble vocal.

É regularmente convidado como júri em concursos e festivais de coros, nomeadamente no Festival Coral de Verão de Lisboa, no Gran Premio de Canto Coral, em Espanha, e no Winter Choral Festival, em Hong-Kong.

Neste momento é professor na Escola Superior de Música de Lisboa e na Escola Superior de Educação de Lisboa.

Pedro preparou coros profissionais em colaboração com maestros como John Nelson, Joana Carneiro, Víctor Pablo Perez, Riccardo Muti, Paul McCreech, Lorenzo Viotti e Laurence Foster. Destaques recentes incluem a Criação de Haydn e War Requiem de Britten no Auditorio Nacional de Musica (Madrid), Falstaff de Verdi na Fundação Gulbenkian (Lisboa) e o Requiem de Verdi no Teatro Real de Madrid.

Recentemente, Pedro dirigiu o Coro Gulbenkian em Abril e Novembro de 2018 no grande auditório da Fundação Gulbenkian. Em Agosto 2018 voltou com o Officium Ensemble aos festivais de música antiga de Utrecht (Oude Muziek) e Antuérpia (Laus Polyphoniae).



JOAQUIM RIBEIRO

Joaquim Ribeiro foi, em 1988, o 1º Prémio Jovens Músicos na categoria de clarinete da história do certame.

Do seu currículo consta ainda o 1º Prémio do Concurso Nacional da Juventude Musical Portuguesa, o 2º Prémio do Concurso de Clarinete de Setúbal, assim como o 1º Prémio Jovens Músicos na categoria Música de Câmara, com o Quarteto de Clarinetes de Lisboa, grupo com o qual obteve ainda o Prémio Cultura e Desenvolvimento e o Prémio Artes e Ideias.

Licenciou-se em Clarinete na Escola Superior de Música de Lisboa com as mais altas classificações.

Do seu percurso resulta a apresentação regular nos principais festivais de música nacionais e internacionais, bem como a gravação de diversos Cd's, sendo D'Addario Artist e Selmer Artist. Foram-lhe dedicadas diversas obras.

Ao longo da sua carreira teve oportunidade de trabalhar com maestros como Carlo Maria Giulini, Mstislav Rostropovitch, Lukas Foss, George Hurst, Michel Tabachnik, Alain Lonbard, Arturo Tamayo, Michael Zilm, Wolfgang Rennert e Michel Plasson, de entre muitos outros, com os maiores elogios.

É Mestre em Direção de Orquestra pelo Instituto Piaget, tendo-se graduado em Dijon, no Conservatório de Música J. Ph. Rameau, com o reconhecido Maestro Jean-Sébastien Béreau, período em que o seu empenho e sensibilidade lhe valeu a classificação de Très Bien pelo certificado CEFM e a Médaille de L'argent correspondente ao certificado DEM.

Trabalhou posteriormente com Felix Hauswirth e Michael Fennell.

Tem dirigido obras de compositores tão variados como Marcos Portugal, L. W. Beethoven, Charles Gounod, Antonín Dvorák, Johannes Brahms, Igor Stravinsky, Arnold Schoenberg, Luís de Freitas Branco, Richard Wagner e Gustav Mahler, entre outros, quer em formações de câmara, quer sinfónicas.

Em 2017, no âmbito dos seus estudos musicológicos, publicou, com o apoio da Fundação Jorge Antunes, o primeiro estudo preliminar sobre a vida e obra do compositor vizelense Joaquim da Costa Chicória.

Atualmente, Joaquim Ribeiro é clarinete solista da Orquestra Sinfónica Portuguesa e o diretor musical da orquestra Melleo Harmonia.



ORQUESTRA MELLEO HARMONIA

Criada em 2014, MELLEO HARMONIA é a orquestra residente da Academia Portuguesa de Artes Musicais. Funcionando com uma geometria flexível, desde a formação de câmara à sinfónica, tem, desde a sua fundação, executado variados programas de reconhecida qualidade, entre eles no aclamado filme documental "MOMENTO 1910", em algumas das mais proeminentes salas de espetáculos do país, como o Grande Auditório da Fundação Gulbenkian ou o Centro Cultural de Belém.

Sendo constituída por alguns dos mais notáveis músicos da atualidade, a Orquestra Melleo Harmonia tem tido frequência assídua nos Dias da Música do Centro Cultural de Belém, tendo sido convidada a participar na edição do Prémio Jovens Músicos de 2017 e nas duas edições do Festival Experience.

É responsável pela produção da Temporada de Órgão São João de Brito.

Funciona sob direção musical do maestro Joaquim Ribeiro.



MIGUEL COSTA

Miguel Costa deu os seus primeiros passos musicais com apenas cinco anos de idade, na Sociedade Filarmónica Timbre Seixalense, com António Menino. Estudou na Escola Profissional de Artes da Beira Interior, na Academia Nacional Superior de Orquestra e na Escola Superior de Música de Lisboa, nas classes dos professores Luís Gomes, Nuno Antunes, Nuno Gonçalves, Etienne Lamaison, Nuno Silva e Paulo Gaspar. Participou em *masterclasses* com alguns dos mais conceituados clarinetistas mundiais, entre os quais Guy Deplus, Yehuda Gilad, Antony Pay, Lorenzo Coppola, Haken Rosengren, Philippe Cuper, Romain Guyot, Pascual Martinez, Jonathan Cohler e Michel Portal. Obteve diversas distinções em vários concursos nacionais e internacionais. Foi vencedor do Concurso Paços Premium (nível superior) em 2008, vencedor do Concurso Solista com a Orquestra Académica Metropolitana em 2010, Finalista do Concurso Marco Fiorindo (Itália) em 2010, recebeu o 2.º Prémio no Concurso Internacional José Augusto Alegria em 2011, foi finalista do 2.º Concurso Internacional de Clarinete de Lisboa em 2013 e recebeu o 2.º Prémio no Concurso Internacional Terras de La Salette em 2014. Miguel Costa é convidado regular de diversas orquestras, tais como a Orquestra Sinfónica Portuguesa e a Orquestra de Câmara

de Almada, entre outras. É membro da Orquestra de Câmara Portuguesa desde 2012 e do Ensemble MPMP. Apesar de breve, o seu percurso já foi distinguido no programa da RTP 2 «Iniciativa», e referido pelo *magazine* da Culturgest. Enquanto solista, colaborou com a Orquestra Académica Metropolitana, a Orquestra de Câmara Portuguesa e o Ensemble MPMP. Leciona no projeto Sementes OCP, no Centro Social 6 de Maio, e é professor no Conservatório de Música da Metropolitana e na Academia de Música de Almada.



ENSEMBLE MPMP

O Ensemble MPMP é um grupo de instrumentação flexível que tem desenvolvido, desde 2012, um trabalho de proximidade com musicólogos e compositores com vista à redescoberta de património passado e à valorização de repertórios contemporâneos. Tem-se apresentado no Festival Prémio Jovens Músicos (Centro Cultural de Belém, em 2013, e Grande Auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, em 2015) e no Festival de São Roque (2013, 2014, 2015, 2017 e 2018), tendo estreado modernamente obras de Marcos Portugal (1762-1830), João José Baldi (1770-1816), D. Pedro IV (1798-1834), Joaquim Casimiro Júnior (1808-1862), Francisco Norberto dos Santos Pinto (1815-1860), Francisco de Freitas Gazul (1842-1925) e Augusto Machado (1845-1924). Em Março de 2014 o duo de piano a quatro mãos e o quarteto d'arcos do Ensemble MPMP apresentaram-se no Brasil (Brasília, Goiânia, Belo Horizonte, Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro) no âmbito da digressão *Música portuguesa em viagem*, no contexto da qual gravou um programa exclusivo de 50 minutos para a TV Brasil. Em 2015 levou à cena as óperas *O cavaleiro das mãos irresistíveis* e *Cai uma rosa...*, respetivamente de Ruy Coelho (1889-1986) e de Daniel Moreira (1983-), nos Teatros Municipais de Almada e do Porto. Colaborou com o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, aquando do lançamento da revista *glosas* n.º 8, e concebeu os projetos *Latitudes*, um ciclo que teve como principal objetivo a interpretação de autores portugueses vivos de diversas origens, experiências, locais e escolas, e *Música portátil*, ciclo dedicado à divulgação de obras de câmara de diversos períodos e incluindo sempre estreias absolutas de jovens compositores. Com a participação especial da pianista Ana Telles, apresentou o concerto de lançamento de um CD integralmente dedicado a obras de João Pedro Oliveira (*Mosaic*, ed. MPMP). Recentemente, participou no Festival Dias da Música 2017 (Centro Cultural de Belém), apresentando o *Requiem à memória de Camões* de João Domingos Bomtempo, evento que foi transmitido televisivamente pela RTP. Discograficamente, destaca-se a sua participação em CDs monográficos de Eurico Carrapatoso, *In illo tempore*, e de Fernando Lopes-Graça, *Divertissement* (coleção *melographia portuguesa*).



QUARTETO LACERDA

O Quarteto Lacerda foi fundado em 1990 e é um dos mais importantes quartetos de Portugal.

Além de repertório clássico, com especial ênfase em Haydn, Mozart e Beethoven, o Quarteto Lacerda dedica muita atenção às obras-primas injustamente negligenciadas do repertório português. O seu primeiro CD inclui o quarteto de cordas em sol maior de Viana da Mota (1895, a primeira gravação mundial), o quarteto de cordas de Freitas Branco (1911, primeira gravação por um quarteto português) e as miniaturas para trio de cordas de Francisco de Lacerda (1917, também uma primeira gravação mundial). Um segundo CD, intitulado "Maelstrom", de obras do compositor português João Paulo Oliveira, internacionalmente reconhecido, inclui Labirinto (2001) para quarteto de cordas e fita magnética.

O quarteto estreou obras de Moritz Eggert, Alan Ridout, Arnold Trowel, Frederico de Freitas, Eugénio Rodrigues, Eurico Carrapatoso e Alexandre Delgado.

Tem tocado em muitos dos mais importantes festivais e locais de concerto em Portugal, bem como em Espanha, França, Itália e Inglaterra.

Em 2008 o quarteto "atravessou a fronteira", participando num projecto inovador com o sempre popular cantor Jorge Palma no Centro Cultural de Belém em Lisboa. Também participou num projecto histórico e único em 2009, que incluiu a execução de todos os quartetos de Joseph Haydn para comemorar o bicentenário da sua morte. Estes concertos tiveram lugar em Portugal continental, na Madeira e nos Açores e foram transmitidos pela radio nacional (Antena 2).

O Quarteto Lacerda gravou, no verão de 2009 e 2010, 3 quartetos de Haydn Op. 1 n.º1, Op. 20, n.º4 e Op. 77, n.º 2 para comemorar este ano histórico. O disco foi lançado em Fevereiro de 2012 no Centro Cultural de Belém em Lisboa.

Em Agosto 2011, após um convite, o quarteto realizou uma tournée na China. Apresentou os compositores Freitas Branco e Eurico Carrapatoso assim como Haydn, Mozart e Schulhoff.

Participou no verão de 2012 em Guimarães - Capital da Cultura. Mais recentemente no CCB em Lisboa nas "Dias da Música" o Quarteto Lacerda apresentou um programa de Haydn, Beethoven e Stravinski.

Em Julho de 2016 o Quarteto Lacerda participou no Festival Internacional de Música de Gaia com obras de Haydn, Beethoven e Stravinski.



CARLA CARAMUJO

Carla Caramujo é diplomada pelas Guildhall School of Music and Drama e Royal Conservatoire of Scotland, venceu os Concurso Nacional Luísa Todi, Musikförderpreis der Hans-Sachs-Loge (Nuremberga), Chevron Excellence, Ye Cronies e Dewar Awards (Reino Unido).

Em ópera destacam-se as suas interpretações de Contessa Folleville em *Il viaggio a Reims*, Clorinda em *La cenerentola*, Gilda em *Rigoletto*, D. Anna em *Don Giovanni*, Adele em *Die Fledermaus*, Lisette em *La Rondine* e Carmina Burana (TNSC); Violetta em *La traviata* (Festival Sintra e Teatro de Leiria); Adina em *L'elisir d'Amore* (Teatro Trindade), Nena em *Lo frate 'nnamorato* de Pergolesi (CCB), Valetto em *L'Incoronazione di Poppea* (Traverse Theatre, Edimburgo), Armida em *Rinaldo* de Händel (Festival Theater, Edimburgo); Rainha da Noite em *Die Zauberflöte* (Trinity theatre, Tunbridge Wells), Fiordiligi em *Così fan tutte* (Rivoli), Herz em *Der Schauspieldirektor* de Mozart (CCB), Controller em *Flight* de J. Dove (Glasgow), Salomé em *O sonho* de Pedro Amaral (London Sinfonietta, Gulbenkian), Lady Sarashina de Peter Eötvös (S.Luiz) e Onheama de J.G.Ripper (FTSS).

Integrou o elenco de *Un moto di gioia*, *Mozart Concert Arias* de Anne Teresa De Keersmaecker com a CNB. Trabalhou com maestros como João Paulo Santos, Julia Jones, Domenico Lungo, Joana Carneiro, Tobias Volkmann, José Miguel Esandi, Johannes Stert, Nicholas Kraemer, Marcos Magalhães, Marc Tardue, Alexander Polyanichko, Pedro Neves, Pedro Carneiro, Nuno Coelho, Jorge Matta, Yi-Chen Lin, entre outros, tendo sido solista em *Messias* (Händel), *Requiem* (Brahms), *Missas Dó Menor*, *Requiem* e *Vesperae solennes* (Mozart), *Sinfonia 9* (Beethoven), *Gloria* (Poulenc), *Paixão S. João* (Bach), *Elijah* (Mendelssohn), *Die Schöpfung* (Haydn), *Carmina Burana*, *Stabat Mater* (Haydn e Pergolesi), *Lua, canção de uma morte* (Nuno Côrte-Real) e *Cinco Poemas de Vinicius de Moraes* de J.G. Ripper, em Heidelberg Hall, Smetana Hall (Praga), The New Sage Gateshead Music Centre (Newcastle), Barbican (Londres), Teatro Péon Contreras (Mérida, México), CCB, Gulbenkian, SODRE (Montevideu), Usina del Arte (Buenos Aires) e Teatro San Martin (Córdova, Argentina), Theatro da paz (Belém), Teatro Mayor (Bogotá), entre vários festivais nacionais e internacionais.



JOÃO PAULO SANTOS

Nascido em Lisboa em 1959, João Paulo Santos concluiu o curso superior de Piano no Conservatório Nacional desta cidade na classe de Adriano Jordão. Trabalhou ainda com Helena Costa, Joana Silva, Constança Capdeville, Lola Aragón e Elizabeth Grümmer. Como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian aperfeiçoou-se em Paris com Aldo Ciccolini (1979-84). A sua carreira atravessa os últimos 36 anos da história do Teatro Nacional de São Carlos onde principiou como correpetidor (1976). Seguiu-se o cargo de Maestro Titular do Coro (1990-2004); desempenha atualmente as funções de Diretor de Estudos Musicais e Diretor Musical de Cena. Estreou-se na direção musical em 1990 com *The Bear* (W. Walton), encenada por Luís Miguel Cintra, para a RTP. Tem dirigido óperas para crianças (Menotti, Britten, Henze e Respighi), musicais (Sondheim), concertos e óperas nas principais salas nacionais. Estreou em Portugal, entre outras, as óperas *Renard* (Stravinski), *Hanjo* (Hosokawa), *Pollicino* (Henze), *Albert Herring* (Britten), *Neues vom Tage* (Hindemith), *Le Vin Herbé* (Martin) e *The English Cat* (Henze) cuja direção musical ganhou o Prémio Acarte 2000. Destacam-se ainda as estreias absolutas que fez de obras de Chagas Rosa, Pinho Vargas, Eurico Carrapatoso e Clotilde Rosa. A recuperação e reposição do património musical nacional ocupam um lugar significativo na sua carreira sendo responsável pelas áreas de investigação, edição e interpretação de obras dos séculos XIX e XX. São exemplos as óperas *Serrana*, *Dona Branca*, *Lauriane* e *O espadachim do outeiro*, que já foram encenadas no Teatro Nacional de São Carlos e no Centro Cultural Olga Cadaval. Fez inúmeras gravações para a RTP e gravou discos com um repertório diverso. Colabora como consultor ou na direção musical em espetáculos de prosa encenados por João Lourenço e Luís Miguel Cintra.



CAMERATA ATLÂNTICA

A Camerata Atlântica é um projeto musical idealizado pela violinista venezuelana Ana Beatriz Manzanilla, sua diretora artística. Tendo como base 11 instrumentistas profissionais de

cordas a Camerata tem a flexibilidade de poder ser alargada a uma formação mais ampla dependendo do repertório a executar.

Após o seu concerto inaugural em Novembro de 2013, a Camerata Atlântica gravou um DVD promocional com obras de compositores da América Latina. Apresentou-se consecutivamente com grande sucesso nos Dias da Música desde 2014 no Centro Cultural de Belém, no Festival Internacional de Música de Leiria, no Festival de Música de Ourique, na Festival Experience da Universidade de Lisboa, no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian no âmbito dos Prémios Jovens Músicos 2014, no Festival Jardim de Verão da Fundação Gulbenkian e Natal em Lisboa da EGEAC em 2017 e 2018. Contou com a participação do contrabaixista Edicson Ruiz como solista convidado e organizou master classes para jovens contrabaixistas. Na temporada de Música Gulbenkian 2015-16 apresentou-se no Grande Auditório com o trompetista Pacho Flores.

A Camerata Atlântica criou o Concurso Nacional de Cordas "Vasco Barbosa", que contou com a sua primeira edição em 2015.

Em Maio de 2016 foi selecionada pela Antena 2 para interpretar "Fuga para a América Latina" no encerramento da série especial da União Europeia de Rádios intitulada "A influência da América Latina", com posterior transmissão na Alemanha, Bulgária, Croácia, Espanha, Grécia, Hungria, República Checa e Roménia.

Em 2017 atuou na programação oficial de Lisboa Capital Ibero-americana da Cultura, realizou concertos em Espanha e editou o seu primeiro CD intitulado "Fuga para a América Latina".

Desde a sua formação a Camerata Atlântica tem promovido diferentes actividades dirigidas aos jovens músicos, nomeadamente o Ciclo de Concertos "Cordas Jovens" em 2018 no Museu Nacional dos Coches, o encontro com o violinista Ray Chen a propósito da sua visita a Lisboa para actuar com a orquestra Gulbenkian e Masterclasses de instrumentos e Orquestra de Cordas nos Conservatórios de Setúbal, Covilhã e Castelo Branco.